

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo common	20 réis
Communicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA
Quinta feira 12 de março de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso.....	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000 "

RESUMO

Concurso de tiro internacional: Lisboa, 1897, por L. P. — Nova Associação de Atiradores? — Carreira de tiro. — Um cão conductor de telegrammas. — Marcha e fadiga na caçada, por Beau-Revoir. — Novo club de caçadores. — Os cães para correr. — O defeso. — Os effeitos da lebel. — A baleia.

CONCURSO

DE

TIRO INTERNACIONAL

LISBOA — 1897

A carta que em seguida publicamos é do nosso bom amigo J. P., e, como sempre, são bem vindos os seus escriptos, e esusado é repetir-lhe o que já dissémos em o nosso n.º 46.

A carta é a seguinte:

«Amigo velho. — Com o titulo de *Concurso de tiro internacional, Lisboa-1897*, publicou o ultimo numero do *Tiro Civil* algumas palavras tendentes a demonstrar a vantagem de se realizar em Lisboa um concurso de tiro internacional por occasião da celebração do quarto centenario da partida de Vasco da Gama para a India.

«Ha muito tempo não leio noticia que mais me agrade e que mais satisfaça os meus desejos de ver tomar corpo e desenvolver-se a generosa e patriótica idéa do tiro nacional, e por muito me sentir satisfeito com o alvitre apresentado é que me apresso a dizer alguma coisa tambem sobre o assumpto que deve merecer a especial attenção de quantos se interessam pelo tiro civil e estão compenetrados das suas enormes vantagens.

«Segundo o meu modo de ver deve dar-se ao concurso de tiro internacional todo o brilho possível, fazendo com que seja uma festa atrahente e concorrida que deixe impressão agradável, de modo que em todos fique o desejo de a ver repetir.

«Como base fundamental para um concurso internacional julgo indispensaveis duas qualidades de premios: os pecuniaros e as medalhas; os objectos de arte, ou de valor devem ser considerados como premios de segunda ordem, pois realmente a compensação que offerecem é de somenos importancia se attendermos ás despezas que terão que fazer os que estão em Lisboa, pois será indispensavel a estes que se exercitem regularmente afim de manterem o bom nome já adquirido pelos nossos atiradores.

«Parece-me tambem que desde já se deve pensar na organização do programma, que deve ter larga publicidade, e ser distribuido no estrangeiro, pelo me-

nos na Suissa, na França, na Italia e na Allemanha convidando os atiradores d'estas nações a virem a Lisboa e tomar parte no grande certamen.

«A escolha dos alvos tambem a julgo urgente, pois não é demais um anno para os atiradores se habituarem a elles e não serem surprehendidos na occasião do concurso; as dimensões, fórma, maneira de fazer a contagem dos pontos, todas as minucias emfim, devem acompanhar o programma para que no estrangeiro possam tambem exercitar-se, pois d'outro modo seria manifesta a desigualdade e talvez nos affastassem os concorrentes supposições pouco lisongeiras.

«Diz, o meu amigo, no seu numero anterior que «da realisação d'esta festa depende talvez o desenvolvimento do tiro nacional» e estou perfeitamente d'accordo com essa opinião; e por isso todo o cuidado será pouco quando se tratar da sua organização; e que se faça uma cousa nova deixando de parte a idéa de copiar ou imitar o que se faz no estrangeiro, pois não me parece preciso aproveitar senão ligeiras minucias que aliaz apparecem em todos os concursos de tiro.

«A nossa arma de guerra deve ter vantagens sobre todas as outras; se não me engano em todos os paizes a arma de guerra nacional tem preferencias, ou antes *partido* em relação ás armas dos amadores.

«Que se faça, pois, o mesmo no grande concurso e se estabeleça um preço de inscripção para todos os atiradores, favorecendo o que fizerem as series com a arma K 8^m.

«Não tenho a competencia precisa para occupar-me d'este assumpto. O meu fim no que deixo dito é apenas applaudir com enthusiasmo a realisação do concurso e lembrar alvitres que podem ser ou não ser aproveitados pelas pessoas competentes que hão de elaborar o programma, e que, felizmente, não faltará.

«Convenço-me, amigo redactor, que a concorrência será grande; entre nós ha atiradores, do estrangeiro alguem se apresentará tambem e terá occasião de admirar as bellezas da nossa patria de que, infelizmente, não se tem feito no estrangeiro a conveniente propaganda.

«Este inverno por exemplo, os mezes d'este anno de 1896 que vae correndo, teria posto bem em relevo as excellencias d'um clima unico e causaria certamente a admiração de quantos aqui viessem. O mez de julho de 1897 não nos deixará ficar mal tambem e, além de tudo o concurso de tiro internacional será mais um atractivo entre as festas que se projectam levar a effeito na grande celebração nacional.

«As associações de tiro civil precisam tomar parte muito activa no concurso,

precisam trabalhar a valer, seguindo todas o mesmo rumo, tendendo todas para o mesmo fim, prestando-se a todos os sacrificios que forem necessarios para que Portugal se ponha em evidencia e mostre ás nações, que de ha muito tem estabelecido o tiro nacional, que somos capazes de adquirir n'esta instrução aptidão pelo menos igual á dos melhores atiradores estrangeiros.

«Acredito que não será difficil accordero completo e absoluto e, conseguido elle, daremos um grupo de atiradores já bastante notavel e que terá ainda tempo para aperfeiçoar-se.

«Uma das cousas que me parece deve ser indicada é o *tiro de pé* que tanto na Suissa como na França vae perdendo adeptos. Entre nós ha excellentes atiradores n'esta posição, mais difficil sem a menor duvida; que se aproveitem essas aptidões e haja um premio especial para este genero de tiro

«Emfim, meu amigo, não é intento meu importunal-o com os meus alvitres, quem fôr encarregado da organização do programma sabe o que ha de fazer e, se nas minhas palavras alguma cousa ha que aproveitar dar-me-hei por satisfeito; não terei perdido o tempo completamente.

«O que affirmo e repito é que como propaganda em favor do tiro nacional acho indispensavel que se realice o concurso de tiro internacional. Chamará a attenção do estrangeiro para o nosso paiz e despertará igualmente a attenção de todos nós para um genero de exercicio que nos dará extraordinaria força se precisarmos um dia de recorrer ás armas para defender o que de direito nos pertence.

«Lembremos-nos do Transvaal, sigamos o bello exemplo que nos dão os boers e teremos cumprido um dever que, segundo creio, é dever de todo o cidadão válido.

«Resta-me agradecer as palavras de benevolencia que me foram dirigidas pela redacção do *Tiro Civil* e que mais devia á amizade de que aos meritos que, por desgraça, não possuo.

Amigo certo

J. P.»

NOVA ASSOCIAÇÃO DE ATIRADORES?

LEMOUS NOSSO estimado collega O *Seculo*:

TIRO CIVIL

Um grupo de alumnos do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, resolveu formar uma associação de atiradores, tomando para titulo o d'aquella importante escola.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 8 do corrente, dispararam-se 1:220 tiros com a arma de guerra. Os alvos eram os mesmos da sessão passada.

Muita concorrência, sobretudo houve um momento em que era d'um bello effeito as 8 linhas de fogo todas em serviço; ás quatro horas da tarde davam-se os últimos tiros.

A Associação dos Atiradores Civis Portuguezes esteve representada por grande numero de socios, alguns com o distinctivo da Associação, e pena é que este exemplo não seja seguido por todos; fizeram 450 tiros nos diversos alvos com as seguintes percentagens:

Alvo a 200 ^m ,	70 disparados	38 acertados
» » 300 ^m ,	180 »	130 »
» » 400 ^m ,	200 »	132 »
Total...	450 »	300 »

Distinguiram-se entre outros os srs. Ivens Ferraz, no alvo a 200^m, figura de joelhos, 9 acertados em 10, tiro de joelhos; no alvo a 300^m, 8 em 10; no alvo a 400^m, 9 em 10, tiro de joelhos.

Manuel A. Ribeiro, no alvo 300^m, 6 em 10, e no alvo a 400^m, 6 em 10.

Jayme de Santa Barbara, no alvo a 300^m, 8 em 10; no alvo a 400^m, 6 em 10, tiro de pé.

J. de Sousa Padesca, no alvo a 300^m, 6 em 10, tiro de pé.

Antonio Cor.êa Pinheiro, no alvo a 300^m, 16 em 20, tiro de pé; no alvo a 400^m, 14 em 20, tiro de pé.

Lucas da Silva, no alvo a 300^m, 5 em 10, tiro de pé.

Luiz Arêde Correia Saraiva, no alvo a 300^m, 9 em 10, uma *mouche*; no alvo a 300^m, 8 em 10.

Manuel José de Magalhães, no alvo a 300^m, 8 em 10, tiro de pé.

H. Dumorá, no alvo a 300^m, 9 em 10; no alvo a 400^m, 15 em 20.

João Moraes Carvela, no alvo a 200^m, figura de joelhos, 7 em 10; no alvo a 300^m, 20 em 20, duas *mouches*; no alvo a 400^m, 9 em 10.

Antonio S. Pereira da Costa, no alvo a 300^m, 10 em 10; no alvo a 400^m, 16 em 20, tiro de pé.

M. Hermann, no alvo a 300^m, 10 em 10; no alvo a 400^m, 15 em 20, uma *mouche*.

Agostinho M. de Sousa, no alvo a 200^m, 12 em 20; no alvo a 300^m, 9 em 10; no alvo a 400^m, 9 em 10.

J. P. Correia d'Andrade, no alvo a 400^m, 6 em 10.

Fraga Pery, no alvo a 400^m, 6 em 10.

Da associação *Estrella* estiveram presentes 26 socios, entrando em fogo 23, que fizeram 270 tiros com a arma de guerra, 76 com carabina *Colt's*, e 40 com *revolver*, com as seguintes percentagens:

Alvo a 100 ^m ,	10 disparados	7 acertados
» » 200 ^m ,	80 »	34 »
» » 300 ^m ,	140 »	71 »
» » 400 ^m ,	40 »	28 »
Total...	270 »	140 »

Colt's a 200^m, 40 disparados 26 acertados
Revolver a 50^m, 60 » 40 »

POULE

O 2.º grupo d'esta associação fez a sua *poule* no alvo *normal* a 300^m, quadrado de 1,80, 5 tiros cada atirador, tiro de pé:

Manuel Lino.....	4 acertados
G. Pereira.....	4 »
José M. Martins.....	2 »
T. Vianna.....	2 »
E. Noronha.....	2 »
Gil Dias.....	2 »
Rebordão.....	1 »

Desempate, 5 tiros de pé:

M. Lino.....	4 »
G. Pereira.....	2 »

Obtiveram melhor percentagem os srs. Rachofeni, 6 em 10; G. Henriques e Gonçalves dos Santos, 5 em 10.

No alvo a 300^m, tiro de pé, os srs. Thomaz Coelho, 9 em 10; Gil Dias, 7 em 10; João Diniz e Paulo de Mello, 6 em 10.

No alvo a 400^m, os srs. Rebordão, 7 em 10; Coelho e Rachofeni, 5 em 10.

Com *revolver* a 50^m, Guilherme Henriques, em 5 tiros, 5 acertados com tres *mouches*.

Do *Grupo Suíço*, os srs. A. Leuzinger, no alvo a 300^m, 9 acertados em 10.

R. Roggenmozer, no alvo a 400^m, 10 acertados em 10 com tres *mouches*.

E. Kesselringer, no alvo a 400^m, 9 em 10, tiro de joelhos, P. Rohener, no alvo a 300^m, 10 acertados em 10.

O *Grupo de Atiradores Civis Lisbonense*, esteve representado por 8 dos seus socios, que fizeram 120 tiros com as seguintes percentagens:

Alvo a 100 ^m ,	50 disparados	20 acertados
» » 300 ^m ,	50 »	26 »
» » 400 ^m ,	20 »	14 »
Total...	120 »	60 »

As percentagens obtidas por cada um dos atiradores foram as seguintes:

Manuel dos Santos Constantino a 100^m, 8 em 10, e a 300^m, 2 em 10.

Firmino Antunes Barata, a 300^m, 9 em 10, a 400^m, 14 em 20, com algumas *mouches*.

Manuel Mendes Barata, a 100^m, 7 em 10, com duas *mouches*.

Leonel Pimentel d'Almeida, a 100^m, 4 em 10, uma *mouche*.

Francisco Raymundo Estrella, a 100^m, 4 em 10, a 300^m, 5 em 10.

Tito Livio Pagani, a 100^m, 5 em 10.
Gonçalo Julio Figueira, a 300^m, 7 em 10.

João Antunes, a 300^m, 3 em 10.

Este grupo promete frequentar assiduamente a *Carreira* e cremos dará bons atiradores; distingue-se provisoriamente por um pequeno laço azul no casaco, até que se constitua definitivamente o que fará no primeiro domingo de abril.

Os nossos parabens e o sincero desejo de que não esmoreçam na sua bella obra.

Muitos outros atiradores se distinguiram na *Carreira*, entre elles o sr. Eugenio Bouquet, os srs. Freitas e G. Silva do *Grupo Patria*, Augustos Seixas, e outros de que nós não recordamos os nomes.

UM CÃO CONDUCTOR DE TELEGRAMMAS

UM estalajadeiro de Brattendorf (Thüringe) está encarregado d'uma estação postal. Para ir buscar a correspondência á estação do caminho de ferro, distante 1:200 metros, emprega o seu cão. O animal vai pontualmente á chegada de cada comboio, recebe o sacco com a correspondência e leva-o ao dono. Este fiel e exacto *funcionario* ainda não faltou ao serviço um unico dia.

MARCHA E FADIGA NA CAÇADA

(Concluido do numero antecedente)

SABE-SE que toda a contracção muscular suppõe a produção d'uma certa quantidade de calor de que uma pequena parte unicamente pôde tomar a forma de trabalho mechanico na razão de 425 kilogrammetros por caloria, e é o carboneo do organismo que fornece a maior parte, a quasi totalidade do combustivel necessario.

Ora, o organismo não supporta ser impregnado, poderia mesmo dizer-se envenenado pelo acido carbonico resultante da combustão; elimina-o quasi instantaneamente pela respiração, que é tanto mais activa e precipitada quanto maior é a producção d'acido carbonico.

O cansaço chega, seguido de perturbações asphyxicas muito dolorosas, quando o pulmão não é sufficiente para a sua missão. A exhalação cutanea contribue tambem para esta eliminação, mas em fraca proporção.

Por outro lado a quantidade de acido carbonico eliminado pelo homem, tanto no estado de repouso como no estado de trabalho, foi medido com precisão e viu-se que, n'um e n'outro regimen, ha sempre proporcionalidade entre a quantidade de acido carbonico exhalado e a quantidade de oxygenio absorvido.

Sabendo que a combustão d'umagramma de carboneo desenvolve oito calo-

rias, temos o meio de avaliar, com uma approximação bastante sufficiente para a nossa discussão, a quantidade de calor cuja producção acompanha o trabalho muscular durante um tempo dado.

Segundo a média das determinações de Hirn, um homem que desenvolve 40 grammas de acido carbonico no estado de repouso, exhala 150 grammas executando no mesmo tempo um trabalho ascensional correspondente a uma elevação de 450 metros.

A differença 110 grammas, representa a quantidade d'acido carbonico correspondente ao trabalho muscular durante uma hora.

Esta quantidade suppõe uma combustão de 30 grammas de carboneo e uma producção de 240 calorias, mas unicamente o quarto proximamente d'esse calor ou da energia que representa, é transformado em trabalho (ou 25 a 30 mil kilogrammetros) e a dita proporção mantem-se bastante exactamente em todos os generos de trabalho.

Se fizermos o mesmo calculo partindo da quantidade de 60 grammas de acido carbonico que é a que um homem exhala em uma hora de marcha lenta horizontal (corrida, 1 gramma e 65 por minuto) não se acha senão 4:570 kilogrammetros, ou um trabalho dez vezes mais pequeno do que o avaliado por M. Marey.

Quanto á avaliação de 3.510:000 kilogrammetros para um dia de dez horas de marcha, supporta se fosse verdadeira, a combustão de muitos kilogrammas de carboneo para sustento do qual o desgraçado caminhante deveria absorver diariamente de 30 a 40 kilogrammas d'alimentos!...

Ora, é exemplo corrente que um viajante qualquer, ligeiramente habituado, ou um militar, pôde dar quotidianamente dez horas de marcha, sem emagrecer e sem ter necessidade d'um tal excesso de alimentação.

Para facilitar o nosso raciocinio, temos evitado dizer que a machina animal queima, ou se preferem, oxyda ao mesmo tempo que o carboneo uma pequena quantidade de hydrogenio; que o calor produzido pela combustão d'estes dois corpos no estado de combinação complexa excede um pouco a que forneceriam combinando-se isoladamente com o oxygenio; que a quantidade de calor consumido pela machina no estado de trabalho para o fornecimento dos orgãos, que não são de relação, é egualmente um pouco mais elevada do que no estado de repouso, em consequencia do excesso de actividade da circulação; que finalmente, além do acido carbonico e da agua, ha ainda outras necessidades de combustão bastante apreciaveis.

Mas todas estas simplificações não são de natureza a modificar muito sensivelmente as conclusões a que chegámos. Se houvesse uma differença de metade, o que não nos parece possivel, entre a nossa approximação e a realidade, a nossa argumentação conservaria ainda todo o seu alcance.

Da quantidade de carboneo queimado pelo organismo poder dar uma idéa bastante exacta da despeza do trabalho n'um tempo dado, não deve deduzir-se que a fadiga nos diversos caminhanes deva ser proporcional a essa quantidade.

Um homem de 60 kilogrammas e um homem de 80 kilogrammas, convenientemente treinados, não se fatigam geralmente um mais do que o outro na marcha normal horizontal, posto que quei-

mem quantidades de carboneo differentes. Os musculos do primeiro estão desenvolvidos em espessura para se collocarem a altura da sua funcção.

Mas a situação muda logo que se trata de effectuar um trabalho mechanicamente positivo, isto é um trabalho de ascensão. O excedente de peso do caminhante mais pesado causa-lhe então uma desvantagem que não tarda em notar.

Em definitivo, se é possível, partindo da relação que existe entre o acido carbonico exhalado e o trabalho effectuado, chegar a avaliação bastante approximada d'esse trabalho e até do excesso de alimentação que impõe ao caminhante, parece-nos mais difficil achar uma medida commum applicavel á fadiga entre os diversos caminhantes.

Afinal, a necessidade d'esta medida commum não se faz sentir muito. Contentemos-nos, pois, com as noções que apresentam para nós, interesse mais immediato, a saber:

Que o andamento menos fatigante para o caçador é aquelle que se mantém no rythmo do movimento pendular (proximamente 120 passos por minuto) e que este andamento em terreno horizontal pôde ser sustentado por muito tempo sem receio do excesso;

Que em consequencia da consistencia extremamente variavel dos terrenos de caça, uma sola com bastante assento é necessaria para facilitar em todos os casos a reacção do solo;

Que dois caçadores de pesos muito differentes, mas convenientemente treinados, podem caçar juntos em paiz plano, sem sentir mais fadiga um do que o outro e, por consequente, sem que o mais leve seja obrigado á esperar o mais pesado, mas que não acontece o mesmo em terreno accidentado;

Que o cansaço indica sempre um certo grau de intoxicação carbonica e de calor interno, que poderia ser perigoso levar além de certos limites;

Que ha sempre menos inconvenientes, sob o ponto de vista da fadiga, em sobrecarregar as pernas do que os braços;

Finalmente, que ha ainda muito que achar para um estudioso n'esta importante questão.

Beau-Revoir.

NOVO CLUB DE CAÇADORES

CONSTITUIU-SE mais um club de caçadores, o que é para nós motivo de jubilo; d'esta vez coube á Louzã a iniciativa, e bom seria que, á imitação de Vianna do Castello, Abrantes, Villa Viçosa, Louzã e outras, tendo por modelo o club do Porto, se fossem organisando clubs por todas as terras do paiz, e que, n'uma acção commum, trabalhassem e luctassem para que o *defeso* não seja uma ficção, pondo-se de vez cobro no abuso, ou por outra, no crime da destruição, tanto dos paes como das creações, salvando o paiz de em breve se vêr completamente despovoado de varias especies de caça.

Foram eleitos para a direcção do novo club os srs.: Magalhães Mexia, presidente; Anthero Caneva, secretario, e Lopes Coelho, thezoureiro.

A primeira deliberação tomada, foi empregarem-se todos os esforços junto das auctoridades locais, para que as leis e regulamentos sobre caça sejam rigorosamente cumpridas.

Como órgão dos caçadores portugueses, enviamos d'aqui o nosso caloroso applauso, á nova aggremação, fazendo votos pela sua prosperidade e pondo as nossas modestas columnas á disposição do *Club dos Caçadores da Louzã*, pedindo-lhes nos enviem todos os escriptos ou noticias que interessem ao club ou á caça em geral.

OS CÃES PARA CORRER

I

Todos os cães são mais ou menos cães de caça, e todos os cães de caça correm», diz, com alguma exaggeração talvez, o immortal auctor do *Esprit des Bêtes*, Tousseneil.

Parece, porém, evidente que, na infancia do mundo, todos os cães deviam ser caçadores, ou porque se reunissem em matilhas para atacar a caça grossa, como ainda fazem os cães selvagens, ou porque um perseguisse o animal, emquanto o outro o esperava, á maneira dos lobos e rapozas.

Donde vem o cão que corre? Os kynologos discutem ha annos e... *adnuc sub judice lis est*. Segundo Plinio, o cruzamento do lobo e da cadella era frequentemente praticado na Gallia; portanto, pôde dizer-se com alguma razão que, da promiscuidade d'estes cães derivados do lobo, com os galgos e cães de gado, e tambem da influencia do clima e do meio, sahiram as differentes raças de cães que correm, que foram a origem d'aquelles que hoje conhecemos.

O verdadeiro cão de caça é, pois, o cão que corre, emquanto que o que para não é senão um producto da arte ou antes da educação.

Os antigos não conheciam o cão de parar; todas as estatuas de cães encontradas em Roma, na Grecia ou no Egypto, representam cães correndo, e Diana d'Epheso, a propria Diana de Poitiers, nunca tiveram por cortejo senão galgos. Mas o cão não é susceptivel de todo o ensinamento?

A arte da caça é uma arte franceza por excellencia, e a caça de corrida foi o passatempo favorito dos gaulizes.

Os romanos, quando conquistaram a Gallia, apaixonaram-se por esta caçada e excitaram o amor pelas bellas matilhas e cães de qualidade.

Quasi todos os antigos reis de França tinham como questão de honra possuir bellas matilhas, e os cães pretos de França (cães de Santo Humberto), os cães cinzentos de S. Luiz, os vendeanos, filhos d'um cão branco dado por um pobre fidalgo vendeano a Luiz XI e *Baude*, cadella que pertenceu a Anna de Bourbon, cobriram-se de gloria nos annaes cyneticos.

Luiz XIV, em cujo tempo se escreveram as fanfarras de caça ainda hoje em uso, e Luiz XV foram os ultimos que possuiram *matilhas reaes*.

Despresada um pouco no tempo da Revolução e do Imperio, a caçada de corrida tem, ha alguns annos, adquirido desenvolvimento e as grandes matilhas de bellos e bons cães são mais numerosas do que nunca.

Entre os caçadores mais afamados devemos citar a duqueza d'Ugès, o marquez de l'Aigle, o visconde de Chézelles, o visconde de La Besge, o conde de Chabat, o conde de La Couteux de Cantelieu, Baudry d'Asson, o conde d'Elva,

M.^{me} Guimet, Lebaudy, Bardin, Menier, Ephrussi, o conde de Vesins, etc., etc.

II

Tendo nascido carnívoro, o cão é naturalmente disposto a entregar-se á caça, mas este instinto natural, que traz vindo ao mundo, tem necessidade de ser guiado pela educação, se nós queremos que se contente com o prazer da caça e nos deixe o proveito.

Ha duas especies de caçada correndo: uma em que se força o animal, é a caçada das grandes matilhas; outra em que um tiro vence a velocidade das pernas do animal, é a caçada das pequenas matilhas.

A educação dos cães para correr é facil se tivermos já uma boa matilha bem organisada; os cães novos seguem os velhos, adquirem gosto pela caçada e chegam, passado pouco tempo, a proceder tambem como os mestres. Mas se quizermos organisar uma matilha, a educação torna-se então extremamente difficil porque, para chegar a possuir um certo numero de cães que manobrem, desculpem-nos esta phrase militar, com unidade e methodo, quanta paciencia é necessaria! quantas festas e chicotadas a distribuir!

E' aos tres mezes que se deve começar a educação dos cães. Juan Mateos, grande veador de Filipe IV, rei de Hespanha, auctor d'um grande tratado (*Origen y dignidad de la caza*, Madrid, 1634), dá para a educação dos cães de correr a seguinte curiosa receita:

«Quando trouxerdes das vossas caçadas uma peça de caça, collocae os vossos cães em frente do animal e deixae-a calcar por elles. Vão começar a farejar a carne fresca, vél-os-heis animar-se, procurar morder; o cheiro da caça transformar-lhes-ha a physionomia. Ao mesmo tempo mandae buscar um gato; atiraed-o para o animal morto e dae-lhe um pedaço de carne cortada do cadaver. O gato pegará na carne e fugirá, os cães correrão atraz d'elle ladrando, o gato saltará para cima de qualquer movel, onde aquelles não poderão chegar-lhe, mas juntar-se-hão em baixo e ladrarão com força; aquelle que ladrar com mais tenacidade para o gato será em geral o melhor de todos. Quando este exercicio tiver durado bastante, tiree ao gato o seu pedaço de carne para o dar aos cães e repeti esta manobra o maior numero de vezes possível. Se os vossos cães são destinados a caçar uma só especie de animal, tereis o cuidado de lhe apresentar unicamente animaes d'essa especie.»

Tal é o methodo de Juan Mateos preconizado por alguns auctores cyneticos, Elzear Blaze, entre outros, que diz ter tirado bom resultado.

Muitos caçadores são de opinião que é preciso tratar asperamente o cão destinado a correr e preonizam o chicote como o melhor methodo mnemonico.

(Continua.)

O DEFESO

CHEGA-NOS a noticia de que em Odivelles se caça como se não tivesse começado o *defeso*, empregando-se toda a qualidade de armadilhas e até a espingarda. Pertence ao sr. administrador do concelho de Loures fazer respeitar a lei, auctoar e fazendo castigar com todo o rigor os destruidores que nada respeitam.

OS EFEITOS DA LABEL

O *Matin*, escreve a este respeito: «A maior parte d'uma das ultimas sessões da Faculdade de medicina foi occupada por uma comunicação muito importante de M. Delorme, professor de clinica cirurgica em Val-de-Grace.

«Trabalhador infatigavel, espirito essencialmente original, operador notavelmente habil, M. Delorme é certamente, no actual momento, o cirurgião mais em voga do exercito francez. Teria certamente subido aos mais altos postos na medicina militar, se a independencia absoluta de caracter, a franqueza da linguagem, o horror da santa rotina e dos caminhos trilhados não representassem para certas administrações obstaculos ao adiantamento mais merecido.

«A comunicação de M. Delorme tratava dos efeitos das balas couraçadas de 8 millimetros — espingarda Label — disparadas a curta distancia.

«Funda-se quasi unicamente na observação dos feridos da desgraçada questão de Fourmies.

«M. Delorme foi encarregado pelo ministro da guerra de tratar dos feridos e, posto que só chegasse ao logar da catastrophe muitos dias depois, foi bastante feliz para os salvar a todos. Eram 34. Todos tinham sido feridos a distancia inferior a 100 metros, isto é, em plena zona dos efeitos explosivos, e muitos tinham traumatismos extremamente graves. Sabe-se que oito pessoas foram mortas instantaneamente, ferimentos no craneo, peito e abdomen.

«Não se explica muito bem porque a administração superior tinha prohibido até hoje a divulgação dos processos cirurgicos susceptíveis de se aproveitarem.

«Seja como fôr, é provavel que fosse levantada a prohibição visto que M. Delorme ponde, quatro annos depois, submeter os resultados das suas observações á Academia de medicina.

Os ferimentos

«O espaço de que dispomos não nos permite analysar como desejaríamos esta importante comunicação. Os nossos leitores que tenham interesse especial em a conhecer encontral-a-hão no jornal de medicina, o *Bulletin médical*.

«Limitamos-nos a dar as conclusões mais geraes e algumas das quaes são relativamente, muito relativamente, consoladoras.

«Os exitos constantes, tanto sob o ponto de vista da vida como das funções dos órgãos, obtidos em 34 feridos, muitos dos quaes tinham horriveis ferimentos, permittem agourar muito favoravelmente os resultados que se poderão obter em homens feridos ás distancias communs da guerra, se o estado de saúde dos traumatizados, cuidadosamente conservado pela vigilancia do commando, secundar os esforços da natureza e do cirurgião.

«A gravidade immediata dos ferimentos produzidos pelas balas da espingarda de 8 millimetros ou as suas analogas a distancia muito curta, é severa, visto que dão 8 mortos em 42 traumatizados.

«Esta gravidade é sobretudo ligada aos órgãos centraes.

«Os ferimentos dos membros, apesar da sua extensão, apesar do seu grão de destruição, deixam as maiores probabilidades de exito no tratamento puramente conservador, que a lesão dá sobre uma

diaphyse — corpos dos ossos dos membros — ou uma grande articulação.

«Se é indiscutivel que o rigoroso tratamento antiseptico e muito rapidamente utilizado assegura a um ferido com uma chaga penetrante articular um processo de cura e mais isempto de perigos que tratamento mais demorado, os resultados obtidos nos feridos de Fourmies parecem indicar que é preciso não perder as esperanças, como se faz, do futuro d'um homem em que estas condições não poderam obter-se.»

A BALEIA

(Concluido do n.º 53)

MAS a alegria do triumpho dá logar ás vezes a profunda consternação. A baleia está morta, fluctua sobre a agua e pertence á tripulação; mas eis que de repente mergulha lentamente, com a cabeça para baixo e desaparece. Quanto trabalho e quanto perigo inutil. A baleia foi ao fundo.

Neste momento numerosas bolhas de gaz apparecem na superficie da agua e produzem uma especie de ebollição que dura proxivamente um minuto.

Este accidente pode dar-se em diversas circumstancias; notou-se que era mais frequente: 1.º quando a baleia é relativamente magra; 2.º quando morre sem deitar sangue pelas ventas, ou *suffocada*; 3.º quando tem o abdomen crivado de golpes.

Este processo é o classico e hoje considerado como insufficiente porque as baleias fogem, por se haverem tornado receiosas e terem o sentimento do perigo.

Um espingardeiro francez, Devisme, inventou para a caça da baleia um projectil explosivo. A *bala fulminante* ou de *percussão* de Devisme tem duas hastes que se abrem no momento da explosão no corpo do animal, formando uma especie de arpão.

A bala fulminante proposta por Devisme para a caça d'esses animaes perigosos que é preciso matar ao primeiro tiro, taes como os leões, os tigres os elephantes, e que julga igualmente boa para o ataque dos grandes cetaceos, não é outra cousa mais do que uma especie de obuz, reduzido a dimensões bastante pequenas para poder ser disparado por uma carabina ordinaria. Esta bala contem uma quantidade de polvora que pode inflamar-se pela percussão exercida sobre uma capsula fulminante contida no interior.

De todos os meios tentados até hoje para ferir e matar de longe a baleia, o unico que tem sido empregado, é o projectil americano a que deram o nome de *bomba lança*.

Compõe-se d'um tubo d'aço, de trinta a quarenta centimetros de comprimento por dois ou tres de diametro. Este tubo é cheio com cem grammas de polvora de caça. Termina por uma pyramide triangular; a base liga-se por meio d'um parafuso a um tubo mais estreito contendo uma mécha. Este projectil pode ser arremessado com a carga d'uma espingarda que alcance a quinze, vinte e até trinta braças.

A bomba que forma o projectil penetra nas partes carnudas do animal com a mécha que foi accesa pela explosão. Alguns segundos depois ouve-se um ruido surdo. E' a bomba que rebenta no corpo do animal; a baleia dá um salto

violento e se a explosão se faz nos pulmões pode morrer quasi instantaneamente.

Thiercelin tornou mais mortifera ainda a bomba-lança americana, juntando-lhe um veneno de grande força, a strychnina misturada com curara. Um só d'estes cartuchos bastou para matar uma baleia que pesava 60.000 kilogrammas; duas seriam mais do que sufficiente para as maiores baleias do polo norte cujo peso não excede 100.000 kilogrammas.

Na sua primeira viagem á Terra Nova, Thiercelin atirou bombas envenenadas sobre dez baleias de diversos tamanhos.

O effeito correspondeu perfeitamente ao que esperava. As dez baleias morreram n'um espaço de tempo que variou entre quatro e dezoito minutos. Seis deram azeite e barbas. As carnes não ficaram nada impregnadas da materia toxica, porque os seus restos foram trabalhados por homens tendo ferimentos e até chagas recentes nas mãos, sem que um só tivesse o menor incidente.

Quatro d'estes cetaceos pertencentes a variedades que a grande pesca despreza, perderam-se, em consequencia de circumstancias independentes do novo methodo.

Os resultados d'esta campanha não deixam duvida acerca do futuro reservado ao processo Thiercelin. Não se receiará, quando se atacar uma baleia, vel-a escapar, crivada de golpes. Todo o cetaceo que fôr ferido d'este modo, será por assim dizer fulminado, e será portanto certo apanhal-o.

Tem tambem a vantagem de paralisar em poucos instantes os movimentos do animal. Seis ou oito minutos depois do ferimento, o pescador pode approximar-se da baleia, e feril-a com a lança para a fazer sangrar, tornal-a mais leve e impedil-a de ir ao fundo.

O que receiamos é que n'um futuro pouco distante, a raça tão extraordinaria, tão innocente d'estes mammiferos marinhos tenha desaparecido totalmente com este meio d'ataque.

Quando a baleia está morta, fixa-se ao longo do navio, de ventre para cima; não é sem difficuldade que se leva para terra esta massa enorme. O processo de tiralhe o toucinho é simples e faz-se por diferentes fórmias mais ou menos rapidas.

Os antigos pescadores do norte da Europa cortavam a baleia descendo ao longo do lombo, com botas que tinham ganchos de ferro. Tiravam assim tiras do animal da cabeça á cauda.

Os pescadores do oceano meridional seguem um processo preferivel, que consiste em cortar, ao longo do corpo do animal uma larga tira em forma de hellice continua, começando na cabeça e terminando na cauda, quasi como fazem as creanças quando descascam uma laranja.

Os ossos são aproveitados para negro animal.

Antes de serem arrecadados no porão do navio, as partes tiradas ao corpo da baleia passam por diversas operações.

Cada pedaço de toucinho é dividido, com o auxilio d'uma machina, em tiras d'um centimetro de espessura, depois derretem-se para separar o azeite.

A quantidade d'azeite fornecido por uma só baleia pode elevar-se a vinte e cinco ou trinta hectolitros.